

A DOR DO EU

Ana Costa

A instalação “Doador”, de Elida Tessler, carrega-nos por uma experiência de múltiplas passagens. Mesmo sendo construída como num corredor, o qual restringe nosso andar por uma única passagem, de suas paredes escorrem os significantes dos objetos ali dispostos, tal qual janelas abertas para tantas vias. Numa primeira encontramos o próprio corredor, do qual podemos dizer que significa tanto o vazio de uma partida, quanto um fio de ligação de uma chegada. Verso e reverso de uma mesma trilha, tantas vezes percorrida desde a infância. De sua consistência nos falam dois autores: primeiro Freud, quando descobre as raízes da simbolização ligada à dor da separação da mãe, num jogo que seu neto repetia com o auxílio de um objeto: um carretel. Com o fio de ligação da presença do objeto a criança transpunha o vazio absoluto, que porventura a ausência da mãe poderia criar. Fio, este, tecido com o suporte fônico, objeto recriado nas palavras da criança – *ooo/aaa - fora/aqui* – no trazer e jogar o carretel, herança de uma memória que separa. Corredores invisíveis de ligação das palavras entre si, libertas do peso de um objeto que as amarra. E o objeto, assim, carrega o jogo, o lúdico de um encontro, do qual também participa a poesia.

Encontramos essa questão em Walter Benjamin, no seu trabalho “Rua de Mão Única”¹. Nele, o autor produz uma construção narrativa – de inspiração proustiana – de memórias de sua infância. Benjamin apóia-se no que em outros textos denomina “memória do objeto”. Seus escritos partem da mimesis a elementos discretos, a objetos ou traços que recortam um ponto a partir do qual a narrativa é construída: o dedal da caixa de costuras da mãe; a borda da colher de remédio que, nas ocasiões de suas doenças da infância, portava a alma de seu terror. Benjamin começou o relato de suas memórias respondendo a uma proposta de uma revista literária, que lhe pediu um ensaio autobiográfico sobre sua cidade natal. Ali, ele consegue nos transmitir, pela construção de imagens, essa condição lúdica da alienação na infância, resgatando um compartilhamento dessa experiência numa imagem literária. Constitui-se, nessas passagens, uma condição de animação do objeto na infância, que é correlativa de uma

¹ Benjamin, W. – Rua de Mão Única. In: Obras Escolhidas, Ed. Brasiliense, S.Paulo, 1997.

posição de jogo do sujeito. Não se pode dizer, simplesmente, que a criança está no lugar do objeto. Ou, como diz Freud, que faz ativo o que sofreu passivo. Aquilo que dá alma ao objeto, que constitui seu jogo, é também uma objeção – uma forma de não, de separação. É assim que algo tão singular e incomunicável, como pode ser a experiência da infância, pode universalizar-se na escrita do texto. Benjamin carrega o leitor pelas passagens da vida: passagem entre tempos: passagem entre línguas: passagem entre culturas...

A obra de Elida compõe esse duplo movimento proposto pelos autores visitados acima. É benjaminiana, no sentido da *memória do objeto*, na qual o objeto ganha *alma*, sendo um referente em si mesmo ao jogo poético. Mas também é freudiana, na medida em que essa “alma” é um trabalho de separação.

Aqui saímos por outra janela, outra passagem: a que nos leva ao verbo *doar*. Um corredor doador. Dar o que não se tem compõe o amor: a promessa de um dom impossível. Um dom se diz também de algo que se herda, mas que precisa se desenvolver. Ali ainda se precisa dizer: “*Eu*”. Doa dor! A dor que dói é a dor do eu. Absolutamente fragmentado, constantemente disperso na velocidade do tempo, na dispersão do espaço, tentando o limite da consumação do objeto. A dor doeu: o objeto que se vai, carregando o *eu* que se perde...

Assim, esse corredor tem tantas portas, tantas saídas significantes... Dessas que nos fazem sonhar e brincar. Há, ainda, um fio condutor do lado de fora, na série de plaquinhas nas quais se indica “Doador” acima de um nome próprio, também com a indicação do objeto doado. O encontro desses nomes compõe a perda do *eu*, que a autora transforma nos fios invisíveis de ligação das palavras-objetos.